

Leandro

Edictor Proprietario

João Martins de Athayde

A ALMA DE UMA

SOGRA

as proesas de um
namorado mufino

COMPLETA

preço da casa 300 reis

A venda na rua do rangel

n. 184 - RECIFE

RECIFE PERNAMBUCO

Editor Proprietário
João Martins de Athayde

A ALMA DE UMA SOGRA

Em dias do mez passado
vi uma reunião
um trocador de cavallos,
um velho tabellião,
um criado de um vigario
e a avó de um sachristão.

me

Veiu uma dessas ciganas
que lê a mão da pessoa,
leu a mão de um velho e disse
«vossa mercê anda atôa
de cinco sogras que teve
não obteve uma bôa.»

—E' muito exacto, cigana,
disse o velho a suspirar,
A melhor de todas cinco
essa obrigou-me a chorar,
depois de morta tres mezes
quasi me faz expirar.

Disse o velho; minha vida,
dá muito bem uma scena,
dá um romance e um drama
e a obra não é pequena;
o velho tabellião
quasi que chora com pena

O velho ali descreveu
todas as scenas que déram
alguns daquelles alli
foram escutar não poderam,
foi um serviço de gancho
o que essas sogras fizeram

Então a primeira sogra,
foi uma tal Marianna,
tinha os dentes arqueados
como a cobra canninana,
elle casou-se na quarta
brigou no fim da semana.

A segunda era uma typa
alta, magra e escovada,
damnada para passeios,
enredadeira exaltada,
cavilosa e feiticeira,
intrigante e depravada.

por felicidade delle
chegou—lhe a fortuna um dia

Deu a munganga na velha
chegou-lhe a hydrophobia,
foi morta atiros no campo,
graças ao povo que havia.

#

A terceira se chamava
Genovêva bota-abaixo,
espumava pela bocca
que a baba cahia em caixão,
um dia partiu a elle
fez-lha da cabeça um facho.

ch

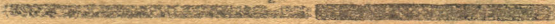
le

A quarta era fogo-vivo
chamava-se Anna-Martello,
filha de uma tal medonha
bala de bronze, cutello,
parecia um jacaré
desses do papo amarello.

Era da côr dâ gibóia,
o rosto muito cascudo
e tinha no cêo da bocca
um dente grande e agudo,
essa engoliu pelas ventas
um genro com roupa e tudo.

Meu amigo, disse o velho,
eu me casei innocente
porque antes de me casar
a velha era ~~tao~~ prudente.

pois



9
eu disse com os meus botões
tenho uma sogra excellente.

Depois que casei, um dia,
eu inda estava deitado
vi a velha dar um pulo
e abecar o criado
arrancar-lhe o coração,
iguado? disse, este eu como assado.

Veio à porta do meu quarto
disse: pedaço de um burro
inda não se levantou
quer se levantar a murro?
você' ou cria coragem
ou cria cheiro de esturro.

A derradeira de todas
não era muito ruim,
me levantava algum falso,
falava muito de mim,
eu teria me banhado
se as outras fossem assim.

Sempre tinha alguns defeitos,
mas tambem não era tanto
uma vez quiz obrigar-me
passar tres dias num canto;
com um defuncto nas costas
fazendo oração a um santo.

Mas se ella não fosse assim
a velha fazia gosto,
me fazia algum favor
e depois lançava em rosto
se brigavamos em Janeiro,
ficavamos bem em Agosto.

Ella depois de morrer
fez um papel temerario:
ajuntou-se com a alma
da avó de um boticario
e me passaram por sonho
um dos contos de vigario.

Essa avó do boticario,
em vida vozou-me tédio
por ter o neto botica
e eu não comprar remedio;
morreu ella e minha sogra
quasi desgraçam meu predio.

Disse-me a velha em sonho:
"cave lá no pé do muro"
que achará uma jarra
com moedas de ouro puro
e' teu e de minha filha'
serão ricos no futuro. »

Acordei, disse á mulher
tudo que tinha sonhado

Disse ella; vá atraz, *J*
 desse thesouro enterrado;
 escavaquelle pè do muro,
 só se lá tiver peccado.

Então tornei a dormir
 ellas voltaram de novo
 me disseram a jarra *J*
 está cheia ~~de~~ *que* um ovo;
 mulher só diz è asneira,
 vá executar este povol *18*

Vá cavar no pè do muro, *J*
 aonde teve um coqueiro,
 debaixo da raiz d'elle
 acha uma lage primeiro
 e debaixo dessa lage
 tem a jarra de dinheiro

De manhã me levantei
 e fui logo para lá
 cavei, encontrei a lage
 disse contente; oh! vem cá...
 sabe o que achei? um cortiço
 de bezouro mangangá.

Ali os bezouros todos
 fecharam em cima de mim,
 eu nem sei como corri,
 julguei ali ser meu fim,

Ouvi a velha gritar;
— bezouros bons, assim, sim!

Passei um anno e doñs mezes
com febre sobre o chão duro,
tinha febre todo dia
trancado num quarto escuro
e a alma da damnada
me esperando no monturo.

A mulher estava dormindo
por sonho viu ella vir
e lhe disse: minha filha
tu não podes resistir,
eu trago aqui um escravo
que vem para te servir.

A mulher lhe perguntou:
— e lá pelo mundo eterno
existe tambem escravo?!
— filha lá tudo é moderno...
— minha mãe onde achou este?
disse a velha; no inferno !...

Minha mulher disse ali,
Jesus, Maria e Josè,
a velha espantou-se e disse:
— atrevida ! como è?
que chama por tres pessoas
de quem eu perdi a fè.

Disse a velha se mordendo
eu parto se não me acabo'
diabos carreguem meu genro,
que nem sogra dá-lhe cabo,
sahiram então se mordendo
a velha com o diabo.

Essa tal de Bota-abaixo
no dia que ella morreu
eu lhe mostrei uma imagem
pois a velha inda se ergueu
arreatou-me a imagem
deu um bote e me mordeu.

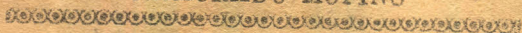
Depois de morta tres annos
onde sepultaram ella
nasceu em cima da cova
trez toceiras de marzella,
um livro de ~~nova-ceita~~
achou-se no caixão della.

velha clamada,
A cobra (era) ~~nova-ceita~~
eu conheci o mysterio
e ~~se~~ pude/conhecer
que o acto não era serio,
tanto que eu disse logo
desgraçou-se o cemiterio.

então

9
Leandro

AS PROEZAS DE UM
NAMORADO MOFINO



Sempre adoptei a doutrina
Ditada pelo rifão
De ver-se a cara do homem
mas não ver-se o coração
entre a palavra e a obra
Ha enorme distincção

Zé-pitada era um rapaz
que em tempos idos havia
amava muito uma moça
o pai della não queria.
o desastre é um diabo
que persegue a sympathia.

Vivia o rapaz soffrendo
grande contrariedade
chorava ao romper da aurora
gemia ao virar da tarde
a moça era como um passaro
privado da liberdade.

Porque João-molle, o pai della
era um velho perigoso,
embora que Zé pitada
dizia ser revoltoso,
adiante o leitor verá
qual era o mais valoroso.

Marocas vivia triste
pitada vivia em ancia,
elle como rapaz moço
no vigor de sua infancia,
fallar depende de folego
porèm obrar è sustancia.

Disse pitada a Marocas
eu preciso lhe fallar
já tenho toda certeza,
que é necessario a raptar
á noite espere por mim
que havemos de contractar.

Disse Marocas a Zezinho
papai não é de brincadeira,
diz Zé-pitada, ora esta!
eu sou da mesma maneira,
você póde vêr-me as tripas,
porèm não verá carreira.

diga a que hora hei de ir,
eu dou conta do recado

inda seu pai sendo fogo,
 por mim será apagado,
 eu juro contra minh' alma
 que seu pai corre assombrado

Disse Marocas, meu pai
 tem tanta disposição,
 que uma vez tomou um preso
 do poder de um batalhão,
 balas choviam nos ares
 o sangue ensopava o chão.

Disse elle, eu uma vez
 fui de encontro a mil guerreiros,
 entrei pela retaguarda,
 matei logo os artilheiros
 em menos de dez minutos
 o sangue encheu os barreiros.

Disse Marocas, pois bem
 eu espero e póde ir.
 porém encare a desgraça,
 se acaso meu pai nos vir
 meu pai é de ferro e fogo,
 è duro de resistir.

Marocas não confiando
 querendo experimentar
 olhou para Zè-pitada
 fingindo querer chorar

Disse, meu pai accordou,
e nos ouviu conversar:

Valha-me Nossa Senhora!
respondeu elle gemendo,
que diabo eu faço agora?! . . .
e cahiu no chão tremendo,
oh! minha Nossa Senhora!
A vós eu me recomendo.

Nisso um gato derrubou
uma lata na despença
elle pensou que era o velho,
gritou, oh! que dôr immensa!
parece qu'estou ouvindo
Jesus lavrar-me a sentença

A febre já me atacou
sinto frio horriavelmente,
com muita dôr de cabeça
uma enorme dor de dente,
está me dando a erysipela,
já sinto o corpo dormente.

Antes eu hoje estivesse
encerrado na cadeia,
de que morrer na desgraça,
e d'uma morte tão feia,
veja se pôde arrastar-me,
que minha calça está cheia

Por alma de sua mãe,
 e pela Sagrada Paixão!
 me arraste por uma perna
 e me bote no portão,
 a moça quiz arrastal-o
 não teve onde pôr a mão.

Ella tirou lhe a botina,
 para ver se o arrastava,
 mas era uma fedintina,
 que a moça não supportava
 aquelle material
 já todo chão alagava.

Disse a moça quer um beijo ?
 para ver se tem melhora ?
 elle com cara de chouro,
 respondeu-lhe: não, senhora
 beijo não me salva a vida,
 eu só desejo ir-me embora

Então lhe disse Marocas
 desgraçado eu bem sabia,
 que um ente de teu calibre,
 não pode ter serventia
 creio que fostes nascido
 em fundo de padaria.

Meu pai ainda não veio
 eu estou hoje sosinha

Zè-pitada ahi se ergueu,
 e disse, oh minha santinha!
 a moça meteu-lhe o pé.
 dizendo: vai-te murrinha!

E deu-lhe ali uma lata,
 dizendo: está ahi o pôço,
 você ou lava o quintal
 ou come um cachorro ensôço
 senão eu meto-lhe os pés
 não lhe deixo inteiro um osso.

Disse elle, oh meu amor!
 o corpo toáo me treme
 minha cabecinha está,
 que só um barco sem leme
 parece faltar-me o pulso,
 o anjo da guarda geme.

Então a moça lhe disse:
 o senhor lava o quintal
 olhe uma tabica aqui.
 lava por bem ou por mal,
 covardia para mim,
 è crime descommunal

E lá foi nesso rapaz
 se: arrastando com a lata,
 a moça ali ao pé delle,
 lhe ameaçando a chibata,

Elle a exclamava chorando
por amor de Deus não bata

Vai miseravel de porta,
quero Já limpo isso tudo,
um homem de sua marca
pequeno, feio e pançudo,
só tendo sido criado,
onde se vende miudo.

Disse o Zè quando sahiu :
eu juro por Deus agora
ainda uma moça sendo
filha de Nossa Senhora,
se olhar para mim eu digo
desgraçada vá embora.

- FIM -

Recife 17 de Janeiro de 1924

PROTESTO

Tendo sciencia de que alguém procura escrever o editar as minhas numerosas trovas populares de que sou exclusivo auctor e proprietario illudindo assim a bôa fé dos meus freguezes e apreciadores.

Protesto contra absorpção dos meus direitos garantidos pelos arts. 649, 670 e 672, do capitulo VI do codigo civil brasileiro, fazendo valer os meus direitos opportunamente perante os tribunaes do paiz, já tendo requerido as certidões de que trata o artigo 673 do referido codigo.

Sirva este meu protesto de aviso aos meus leitores e as autoridades de todas as circumscripções da republica, a quem requeri não só a apprehensão como indemnização pelos damnos causados.

recife, 20 de Fevereiro de 1921

João Martins de Athayde

PROTESTO

Tendo sciencia de que alguém procura escrever o editar as minhas numerosas trovas populares de que sou exclusivo auctor e proprietario lludindo assim a bôa fé dos meus freguezes e apreciadores.

Protesto contra absorpção dos meus direitos garantidos pelos arts. 649, 670 e 672, do capitulo VI do codigo civil brasileiro, fazendo valer os meus direitos opportunamente perante os tribunaes do paiz, já tendo requerido as certidões de que trata o artigo 673 do referido codigo.

Sirva este meu protesto de aviso aos meus leitores e as autoridades de todas as circumscripções da republica, a quem requeri não só a apprehensão como indemnizacão pelos damnos causados.

Racife, 20 de Fevereiro de 192

João Martins de Athayde



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).